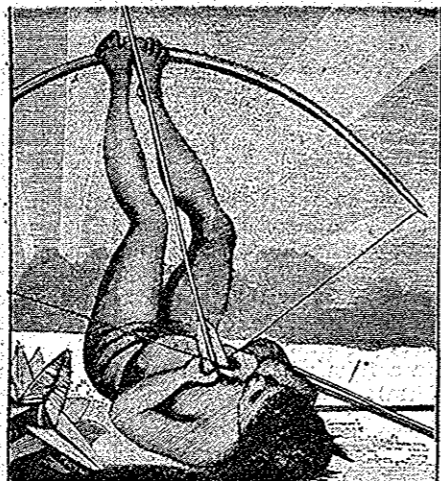


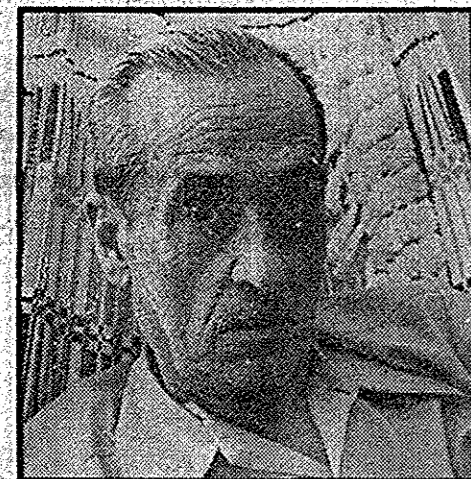
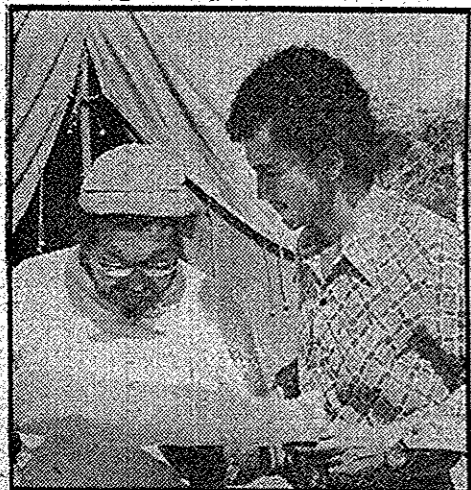
19.160



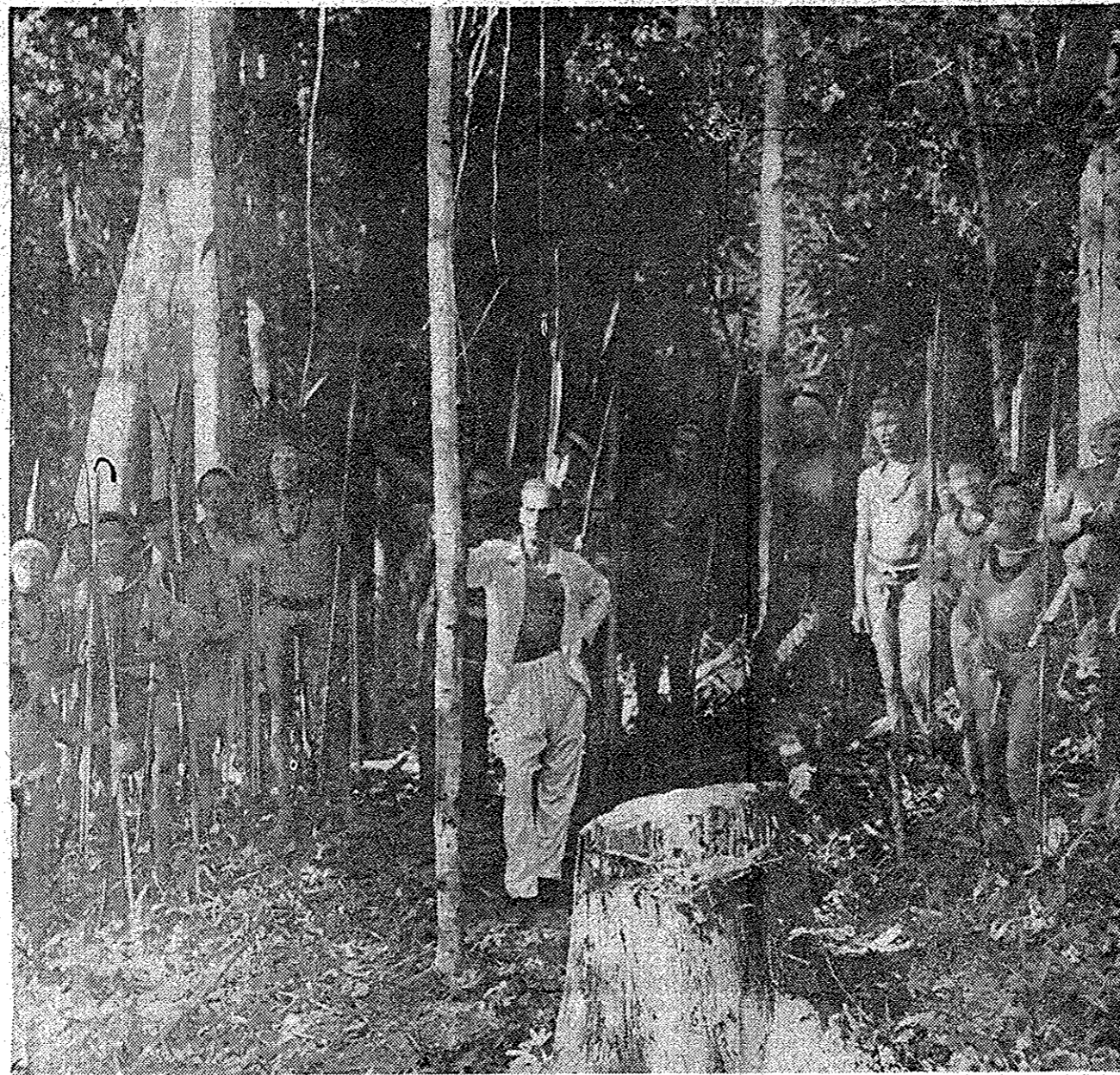
O ÍNDIO BRASILEIRO NUMA AULA DE SERTÃO

13/03/73

Orlando Vilas Boas, depois de ter conseguido aproximar-se dos kreen-akarores, fala em aposentadoria. Apóena de Meireles, o mais jovem dos sertanistas (23 anos), afastou-se da profissão. É difícil encontrar quem queira substituí-los



Francisco (Chico) Meireles foi o responsável pela pacificação dos cintas-largas. Hoje, doente e afastado, vê com pessimismo a renovação dos sertanistas



Os irmãos Vilas Boas (Orlando e Cláudio), nas margens de um remoto rio de Mato Grosso, estenderam, como já fizeram tantas vezes, os laços da civilização a até então inacessível tribo dos kreen-akarores. É o fim do delicado trabalho de atração e o começo de outro, bem mais difícil, o de preservar os índios dos violentos (e inevitáveis) choques culturais. Nesse trabalho que exige muita experiência e grande dedicação, destaca-se a figura do sertanista, um homem que dedica sua vida a manter a presença do indígena em meio a uma sociedade desenvolvida. A Funai (Fundação Nacional do Índio) está organizando cursos de formação para aqueles que, a exemplo dos 27 sertanistas existentes no Brasil, pretendem confundir a sua própria vida com a dos índios

— ENTRE os membros da tribo Turuna, no Amazonas, são comuns os casamentos entre primos cruzados. Um chefe de posto indígena, menos avisado, tentou impedir este procedimento, achando a prática perigosa. Ele apenas cometeu uma intervenção desnecessária no equilíbrio tribal. Os turunas nunca tiveram problemas com a reprodução que há séculos é praticada deste modo.

Quando o professor Júlio César Melatti, de Etnologia, dá este exemplo a seus alunos do curso de indigenismo que a Funai vem realizando há dois anos em Brasília, procura mostrar que o sertanista é, tão-somente, uma ponte de ligação entre a civilização e o indígena. Nunca um interventor direto e desagregador do estado tribal primitivo. E são poucos — até mesmo entre aqueles que procuram a Funai em Brasília para seguir o curso — os que compreendem esta nova realidade do sertanista no Brasil. Mas o maior problema da Funai não é tanto o de definir sua filosofia aos candidatos a sertanistas, quanto o de conseguir recrutá-los. Os irmãos Vilas Boas estão na iminência (pela idade) de serem aposentados. Apóena de Meireles, apesar de jovem, está um pouco afastado da profissão e seu pai, Chico, não tem condições de saúde para prosseguir.

Poucas exigências, muito trabalho

Já foram ministrados quatro cursos de formação de sertanistas, todos em convênio com a Universidade de Brasília. Os editais para inscrição de candidatos são publicados em todo o país e exige-se pouco: curso ginásial completo e idade entre 18 e 35 anos. Há um teste psicotécnico e uma prova escrita com perguntas de Português, Matemática, Geografia e História. São aprovados aqueles que obtiverem as 50 primeiras classificações.

Aparentemente é tudo muito simples. Na verdade, a profissão de sertanista exige bem mais do que conhecimentos. É trabalhosa, cheia de perigos e tem na experiência a sua maior segurança de êxito.

Após a aprovação e um curso — 45 dias de aulas teóricas e 45 de prática — os alunos ganham o diploma de técnico em indigenismo e estão aptos a chefiar os 142 postos indígenas que a Funai mantém em todo o território nacional. O salário inicial é Cr\$... 1.900,00 e enquanto os candidatos frequentam o curso de indigenismo ganham Cr\$ 450,00 como bolsade-estudos. Neste curso, a Funai não visa, fundamentalmente, a formar sertanistas, mas sim chefes de postos. Ser um sertanista, no caso, é mera contingência. Depois de exercer a chefia de um posto e colocar em prática os seus conhecimentos de administração, ele passa a auxiliar de sertão. Só após tomar parte em duas expedições, no mínimo, e mediante a indicação de elementos mais experientes, ele pode ser considerado um sertanista.

A direção da Funai se preocupa muito em precisar que tipo de técnico está formando: não se trata de formar sertanista — uma outra inquietação do órgão, mas de natureza mais complexa — e sim formar elementos preparados para chefiar postos indígenas.

A formação de sertanistas — na Funai só existem 27 funcionários nesta categoria — não pode ser feita em pouco tempo, segundo o órgão, e não se aprende em bancos de escola ou universidade. Um programa ainda em estudo na Funai testará a utilização de funcionários experientes na escola dos sertanistas que vão operar na Perimetral Norte a fim de se obter depois novos elementos

formados na técnica de atração e pacificação. Neste caso, no entanto, estes funcionários aprenderão técnicas distintas que variam de sertanista para sertanista, pois não existe um manual específico e oficial de como se aproximar de silvícolas arredios.

Uma publicação da Funai — *Supysaua, o Índio Brasileiro* — diz que, "para atrair os índios arredios, a turma de atração tem de vencer toda sorte de obstáculos, a começar pela distância e pela extensão do território que eles ocupam."

— Na maioria dos casos — prossegue — os índios acham que eles é que amansaram os silvícolas. A pragmática dos índios *umitina*, por exemplo, do Alto Sepotiba, prescreve, como forma de abordagem amistosa de grupos estranhos, a simulação mais realista possível de um ataque, em que chegam a retesar os arcos e expelir as flechas que só retinham no último momento. Aparentemente insólita, esta era apenas uma forma amigável de saudação. Desde o momento, porém, em que o seu modo de abordagem fora aceito sem revidas, eles consideravam ter pacificado os brancos.

Na trilha de Rondon

A primeira manifestação docente em relação a uma disciplina indigenista partiu do Marechal Rondon, que formou uma equipe bem treinada nos problemas dos silvícolas. Quando os membros dessa equipe foram-se dispersando ou morrendo, não houve quem os substituisse por falta de um novo líder aglutinador como Rondon.

Esse vazio resultou na nomeação de pessoas sem qualificação para os postos indígenas do ex-Serviço de Proteção ao Índio, facultando desmandos de toda espécie que conduziram à extinção do órgão no Governo Costa e Silva.

A preocupação em formar especialistas para as chefias dos postos indígenas começa a esse tempo e o primeiro presidente da Funai, jornalista Queirós Campos, fez realizar um curso experimental de indigenismo. Afastado do órgão, o Sr. Queirós Campos foi substituído pelo General Bandeira de Melo, que retomou a iniciativa e já organizou quatro cursos para formar os quadros do órgão.

No curso organizado pela Funai, que deverá sofrer alterações este ano com ampliação do alcance e redução do número de alunos, há oito disciplinas na parte teórica: Medicina Preventiva, Administração, Etnologia, Rádio, Legislação, Desenvolvimento Comunitário, Tecnologia e Artindia.

O professor Melatti, de Etnologia, diz que procura ensinar a seus alunos que os chefes dos postos indígenas não devem intervir ou tentar impor padrões de sua cultura. Diz ele:

— A própria existência do posto indígena já é uma intervenção, mas se sua chefia for bem exercida, então o grau de intervenção será reduzido e se limitará a interferências benéficas, como a aplicação de vacinas, a obtenção de recursos para garantir o bem-estar da tribo.

Ele observa que a tutela dos brancos sobre os índios é uma faca de dois gumes: o contato gera novas necessidades para os silvícolas que eles não têm meios para atender.

A doação de um fazendeiro, por exemplo, a um grupo arredio que desconhece este instrumento faz com que a tribo abandone seus instrumentos de corte e dê preferência ao facão, cuja produção ou obtenção não estão ao seu alcance.

A impressão que se tem é que tanto o professor Melatti quanto outros que organizaram o curso vivem a contradição da descrença: a formação de técnicos em indigenismo apenas atenuará os males de um contato inevitável e desigual entre branco e índio.

Os amigos pacificadores

"Não sei como explicar-me, mas sei que a minha visão sobre a ordem natural das coisas mudou virtualmente. Muitos me perguntam a razão dessa mudança de ser; totalmente devotada para os índios. O fato de haver nascido praticamente numa aldeia xavante, pacificada por meu pai, não chegou a influir decisivamente, como querem alguns, na minha escolha. É comum passar seis ou oito meses na selva, entregue a meu trabalho. Nada me falta, materialmente falando. Isso, no entanto, não quer dizer que eu disponha de conforto suficiente para levar a missão a cabo por tão longo tempo. Quero dizer que sei satisfazer-me com a ausência do cigarro, da substancial comida e até da própria mulher.

Já senti medo. Como negá-lo? Na mata, acho que o medo é o que une os homens. Comigo é Possidônio Bastos (morto em

novembro de 1971), pelo menos foi assim. Mas medo de verdade senti no rio Roosevelt, logo depois da morte de Possidônio, quando tentava resgatar o corpo de Acrísio Lima (radioperador da Funai, morto junto com o jornalista).

"Agora estão formando rapazes em Brasília. Pois bem, não conviaram nenhum de nós, os mais experientes, para colaborar nos cursos de orientação. Acho que poderíamos ajudar em alguma coisa. Na verdade, acho que não tenho um valor muito relativo, mas o que ganhamos em comparação com esses rapazes, dá o que pensar."

APOENA DE MEIRELES

"Minha formação é de interior, a cidade me cansa. Fujo, porque não consigo viver na cidade. Nasci em Santa Cruz do Rio Pardo, interior de São Paulo.

Mas fui criado em Botucatu. Facilitados meus pais, meus irmãos e eu largamos uma casa que tínhamos na Teodoro Sampaio, em São Paulo, e fomos morar numa pensão. Dessa pensão é que saímos para o interior. Fomos para o Araguaia, Cláudio, Leonardo e eu. E lá entramos para a expedição Rondon—Xingu, que estava sendo formada na época pela Cooperação de Mobilização Econômica. Já nesse primeiro contato com a selva e seus habitantes nos demos conta de um dado importante: é mais humano e justo manter o índio em seus estágios de cultura pura do que tentar integrá-los à força em nossa sociedade. Essa é a única solução para a sobrevivência do índio. Adotamos essa política na região do Alto Xingu, criando uma reserva indígena.

ORLANDO VILAS BOAS

CADERNO

B